TL4644

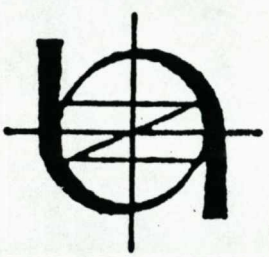
REVISTA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

COLÓQUIO SOBRE «A ACÇÃO DOS TÉCNICOS AGRÁRIOS PORTUGUESES NOS TRÓPICOS»

20-21 DE OUTUBRO DE 1988
MUSEU DE ETNOLOGIA — LISBOA

Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL



INSTITUTO PARA A COOPERAÇÃO ECONÓMICA

ASPECTOS DAS ACTIVIDADES AGRÁRIAS EM TIMOR ORIENTAL

Bebamos ainda um copo.
Bebo a quem? Bebo ao amor.
Timor!

Ruy Cinatti (3)

M. MAYER GONÇALVES *

Uma referência prévia. É impossível considerar convenientemente o que pouco se conhece, principalmente quando se verifica a ausência de bibliografia e, infelizmente, dos possíveis autores. Assim, o que reduzidamente referimos para os chamados Serviços do território constitui, fundamentalmente, uma homenagem aos que neles trabalharam.

ACTIVIDADES DOS SERVIÇOS TERRITORIAIS

Remonta a 1911 a criação provisória dos Serviços agrícolas, florestais e pecuários de Timor, dois anos depois definitiva e com a designação de Repartição Central de Fomento Agrícola, Industrial e Comercial da Província de Timor, que se pretendeu com uma exuberância de estruturas e pessoal especializado absolutamente utópicas (1). Para além das alterações legislativas depois verificadas, incluindo a separação da parte agrícola e florestal da pecuária ou veterinária, caiu-se no polo oposto e assim, ao longo do tempo, os Serviços nunca puderam dispor de órgãos e pessoal mínimos para o estudo e experimentação, em que se pudesse basear, com segurança, um trabalho sistemático de desenvolvimento agrário. Pior ainda, durante vários períodos sem um responsável com formação adequada, ou então dispondo, quase sempre, apenas dum agrónomo ou silvicultor e dum veterinário, como chefes das respectivas repartições.

Técnicos isolados e com os meios de que dispunham, muito pouco poderiam fazer além da burocracia administrativa, entregando-se muitas vezes acções de fomento a outras entidades, financiadas pelos Serviços mas dificilmente acompanhadas pelos mesmos; embora escassa, a bibliografia refere uma variada introdução e experimentação de novas variedades para diversas culturas (café, cacau, borracha, arroz, milho, trigo, algodão, amendoim, fruteiras, hortícolas, etc.), o estabelecimento de viveiros (principalmente, de café), introdução de gado e de

* Investigador Principal do Instituto de Investigação Científica Tropical.

maquinaria agrícola, desbravamento de terrenos, criação de granjas, várzeas, postos experimentais, estabelecimento de plantações, etc. (1, 2).

Mas, bastante do que foi efectuado não se alicerçava em correctas bases técnicas, pelo desconhecimento científico do território, ou não tinha continuidade assegurada — a não ser por leigos — e assim, mudava-se, abandonava-se ou extinguia-se; mas, naturalmente, algo de útil não deixou de se realizar e de se manter, principalmente depois da década de 50, como nós próprios constatámos.

E porque assim foi, cite-se os nomes que pudemos conhecer dos que já aqui não podem estar — que nos desculpem qualquer falta — mas que lutando, tentaram e às vezes até conseguiram: João António Gomes, agrónomo e o primeiro técnico a chefiar a repartição em 1913 (1); Júlio Gardé Alfaro Cardoso, agrónomo e silvicultor; Augusto César Justino Teixeira, agrónomo; José d'Ascenção Valdez, médico-veterinário; Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes, agrónomo, quase silvicultor, antropólogo e poeta de Timor (*); Joaquim Simão, silvicultor; e José Cristóvão Henriques, silvicultor.

ACTIVIDADES DISPERSAS

Durante um longo período de anos, apenas alguns estudos se assinalam na bibliografia de Timor (5, 14), não integrados em qualquer programa de desenvolvimento e, parte deles, talvez essencialmente resultantes da carolice dos seus autores. Salientam-se assim trabalhos sobre o panorama pecuário e especialmente sobre o cavalo, várias contribuições para o conhecimento da fauna parasitológica de animais domésticos, subsídios para o conhecimento dos problemas agrícolas, análise e caracterização de cacaus e madeiras, reconhecimento preliminar das formações florestais, incluindo um esboço histórico do sândalo e caracterização do clima.

Terá sido essencialmente a partir de 1954, com a Junta de Exportação do Café e através de Hélder Lains e Silva, que se tenta iniciar um mais sistemático conhecimento científico do território; «Timor e a cultura do café» (18), daquele autor, passa a constituir, até como obra literária, um texto de leitura obrigatória para quem se interessa agronomicamente pela metade portuguesa da ilha.

Embora o objectivo do trabalho fosse mais restrito, a sua estrutura e conteúdo permite considerá-lo como uma importante contribuição para o conhecimento agro-ecológico de Timor.

Além da análise histórica da economia, com os seus ciclos do sândalo e do café, reúnem-se e interpretam-se dados e informações sobre a mesologia: traça-se um esboço do clima, considera-se a vegetação, fundamentalmente com base em estudos de Ruy Cinatti (4) e, atendendo-se às formações geológicas e outros elementos, estabelece-se uma previsão sobre os possíveis tipos de solos.

Fez-se ainda uma caracterização da agricultura timorense, actividade profundamente primitiva mas relacionada com as enormes dificuldades do meio, definem-se regiões agrícolas e descrevem-se as culturas do milho, arroz e café; e para esta última, objecto essencial do trabalho, faz-se na parte final um esboço preliminar das regiões mais aptas à cultura do Arábica, Robusta e Libérica e consideram-se vários aspectos visando o seu desenvolvimento.

(*) E do Mundo, como bem corrigiu o Eng. Vasco Leónidas.

ACTIVIDADES DA MISSÃO DE ESTUDOS AGRONÓMICOS DO ULTRAMAR

«Timor e a cultura do café» (18) e, naturalmente, a sensibilidade e conhecimentos do seu autor sobre a agronomia tropical, estiveram na origem da criação da Brigada de Estudos Agronómicos de Timor em 1958, integrada em 1960 na Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar — MEAU (15), cuja finalidade foi a de realizar o planeamento e os estudos agronómicos de base necessários ao progresso da agricultura e actividades correlativas.

Desde 1960, com o início dos trabalhos de campo sobre cartografia geral dos solos, percorreu-se um longo caminho, por vezes com dificuldades impossíveis de prever e de aceitar, mas que permitiu adquirir um conjunto de conhecimentos que têm a sua expressão na informação de I&DE produzida; quem a fez sabia para que servia e, quanto ao seu valor, a sua utilização pôde defini-lo (17), como chegou a suceder felizmente em Timor, onde as actividades da MEAU se alargaram depois para o fomento e assistência em duas das principais culturas.

Uma pesquisa rápida na bibliografia da MEAU, indica-nos a existência de cerca de 150 documentos técnico-científicos dizendo exclusivamente respeito a Timor ou referentes também a esse território, dos quais cerca de 50 % publicados (6, 9, 12); além desses cerca de 100, com carácter geral ou específico, podem considerar-se também com interesse para o seu desenvolvimento agrícola (9).

Sem se pretender uma referência exaustiva, que seria descabida e maçadora, pode-se no entanto considerar que as acções desenvolvidas em Timor, através da antiga MEAU, se distribuiram principalmente pelos sectores que a seguir se indicam (6, 9, 12), em consequência do planeamento preliminar de algumas actividades a partir de 1960 e, posteriormente, conforme a definição dos domínios prioritários de actuação para 1965-75 (16) e respectivos programas de trabalho adequados aos mesmos.

Recursos naturais

— Cartografia geológica para apoio ao estudo dos solos, incluindo o enclave de Oécussi e a ilha de Ataúro; cartografia pedológica na escala de 1 : 100 000, mas não abrangendo aquelas regiões, utilizando-se o Grupo como unidade taxonómica e estabelecendo-se Associações e Complexos de Associações de Solos; cartografia dos solos não cultivados da Baixa de Manatuto, na escala de 1 : 10 000, visando-se a expansão da orizicultura; e reconhecimento pedológico de algumas regiões climaticamente mais aptas à cultura do café.

— Caracterização agro-climática, com utilização de mais recentes elementos meteorológicos, delineando-se diversos esboços relativos às características estudadas e cuja combinação adequada se considera poder fornecer novos elementos para o ordenamento agro-silvo-pastoril.

— Reconhecimento dos recursos hidro-agrícolas, realização de projectos e construção de pequenas obras de hidráulica para novos regadios ou melhoramento dos existentes.

— Reconhecimento de alguns pastos para identificação de plantas com maior valor alimentar.

Entomologia e fitopatologia

— Prospecção sistemática, com a colaboração imprescindível do Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro — CIFC, relativa às raças fisiológicas de ferrugem alaranjada (*Hemileia vastatrix* B. & Br.); a colheita de 133 amostras permitiu estabelecer 90 culturas do fungo e identificar 10 das 30 raças conhecidas até 1975, 4 das quais só identificadas para Timor. Pode-se considerar, atendendo-se à área cafeícola, que em Timor se terá efectuado uma das maiores prospecções, a qual constituiu uma apreciável contribuição para os trabalhos do CIFC e, consequentemente, para o melhoramento da cafeicultura no Mundo (11).

— Prospecção relativa às culturas mais importantes, estudo das principais pragas e doenças identificadas e correspondente assistência, com indicação de cuidados preventivos e tratamentos para algumas, além de uma primeira contribuição para um «conspectus» da entomofauna timorense.

Fitotecnia e nutrição mineral das plantas

— Selecção e apreciação do cafeeiro Híbrido de Timor, importante vector do melhoramento cafeícola no Mundo pela sua resistência à ferrugem alaranjada, permitindo provar que no seu habitat natural manifesta um elevado e prometedor potencial de produção (11).

— Introdução de novas variedades para algumas culturas, salientando-se 19 de cafeeiro provenientes de Portugal (CIFC), 51 de arroz das Filipinas, Formosa e Austrália, 5 de bananeira da Jamaica e 6 de ananaseiro da África do Sul, a cuja apreciação cultural se procedeu, distribuindo-se posteriormente algumas variedades aos agricultores.

— Prospecção da fertilidade dos solos em algumas das principais unidades pedológicas cartografadas e realização de ensaios em vasos com amostras das mesmas, para avaliação da fertilidade actual e a forma de a melhorar ou, também, visando apenas o estudo da dinâmica do fósforo.

— Ensaios de observação e purificação de variedades locais de arroz e de observação e aclimatação de introduzidas, seguidos de ensaios de fertilização e outras técnicas culturais, tentando-se maximizar a produção.

— Ensaios de observação em vários andares climáticos com cafeeiros introduzidos e Híbrido de Timor, seguidos também de ensaios de fertilização e outras técnicas culturais em vários locais.

— Ensaio preliminar e de observação das variedades de bananeira introduzidas.

Fitoquímica e tecnologia dos produtos agrícolas

— Estudos vários relativos à caracterização laboratorial, física, química e tecnológica, de cafés verdes, torrados e seus extractos, com especial relevo para o Híbrido de Timor.

— Estudo e realização de projectos de instalações-tipo de despolpa e secagem e de descasque de café.

— Caracterização laboratorial de sementes de variedades de rícino e amendoim e de fibras de algodão.

Economia e sociologia

— Recenseamento dos pequenos cafeicultores nas principais regiões produtoras e pesquisa exaustiva de dados sobre as produções comercializadas e exportadas.

— Estimativa dos acréscimos de custo de produção do café, correspondentes às intervenções do comerciante nos mercados rurais e à do exportador, bem como, apreciação do funcionamento desses mercados face aos preços de compra do café aos pequenos cafeicultores e aos prováveis lucros dos comerciantes.

— Análise do funcionamento das instalações tecnológicas de despolpa e secagem, visando-se o aumento de rendimento das mesmas e a melhoria do benefício do café do pequeno cafeicultor.

Informação e documentação

Apoio contínuo aos sectores antes referidos, com especial realce para a realização da «Bibliografia de Café», de 1960 a 1974.

Fomento e assistência

Além de aspectos pontuais já assinalados e que se integram neste capítulo, alguns factores determinaram uma muito positiva conjugação entre estudo e experimentação com fomento e assistência na cultura do café e também, embora menos, na do arroz, casos que se salientam e com que se termina esta comunicação. Se o objectivo final era aumentar as produções, com as respectivas consequências económico-sociais e tentar que Timor fosse, pelo menos, uma terra de arroz e, ainda mais intensamente, de café, pode-se considerar que se estava no bom caminho, cujo percurso, necessariamente, não deixou de ter uma inestimável colaboração de alguns agricultores e entidades administrativas.

O caso da cafeicultura

Para além de continuamente se tentar dar exemplos, sensibilizar e incentivar as empresas ou maiores cafeicultores para o melhoramento das suas plantações, inclusive através da divulgação de normas simples e economicamente acessíveis — por exemplo, demonstrar-se que uma planta de Híbrido de Timor tinha um preço de custo, em 1969 e à saída do viveiro, que poderia ser compensado pela futura produção média anual de apenas mais 5 cerejas (7) — as actividades de fomento junto dos pequenos cafeicultores expandiram-se sucessivamente, até atingirem os cinco principais concelhos produtores, visando essencialmente a substituição de velhos e decrépitos cafezais.

Procedia-se à realização anual de um a três viveiros centrais e de dezenas de pequenos viveiros de Híbrido de Timor — por vezes alguns de Robusta e árvores de sombra — espalhados pelos locais de plantação previstos, cuja manutenção era da responsabilidade dos próprios cafeicultores, mas acompanhados tecnicamente por pessoal treinado que fiscalizava a distribuição gratuita das plantas

seleccionadas, efectuava a piquetagem e assistia à plantação em covas convenientemente dimensionadas e obrigatoriamente em curvas de nível.

Alguns dados aproximados permitem dar ideia do trabalho realizado (13): de 30 viveiros iniciais em 1964/65, com 136 000 plantas em sacos de plástico, atingiram-se em 1972/73 210 viveiros com 300 000 plantas e, durante as 9 épocas de que se dispõe elementos, instalaram-se 970 viveiros com um total de 1 780 000 plantas; atendendo-se principalmente à selecção praticada no Híbrido de Timor — considerando-se um fenótipo de Arábica e ausência de sintomas visíveis de ferrugem alaranjada — verificou-se um aproveitamento médio de 65 % das plantas, tendo-se distribuído em 1965/66 113 000 plantas a 1 200 pequenos cafeicultores e, em 1972/73, 197 000 a 3 400, num total, durante 8 épocas, de 1 153 000 plantas que beneficiaram 19 000 cafeicultores.

Estes dados merecem algumas considerações. Assim, a área de plantação pode considerar-se relativamente reduzida — em média cerca de 100 ha/ano — mas correspondeu à substituição de cafeeiros improdutivos ou quase, a acção desenvolvida constituía, nas suas várias fases, um exemplo constante e multiplicador e, fundamentalmente, tinha na sua base uma população empenhada em toda a actividade: executada nos viveiros centrais por timorenses, realizada e dirigida nos viveiros locais e na plantação por timorenses e, tudo isto, visando os pequenos cafeicultores timorenses. Acrescenta-se ainda que estes recebiam, em média, apenas umas dezenas de plantas, pois, ser pequeno cafeicultor em Timor podia traduzir-se na existência de «meia-dúzia» de cafés na sua horta, aproveitando a sombra de uma árvore; mas salienta-se que esses cafeicultores produziam cerca de 50 % do café de Timor.

Não se visando apenas a cultura mas também a melhoria do produto, a partir de 1965 financiou-se e fiscalizou-se a construção de instalações simples de benefício de café, despolpa e secagem, atingindo-se em 1973 um total de 24 instalações (13).

Embora já anteriormente às actividades de fomento citadas, as exportações de café viessem a evoluir positivamente após a ocupação japonesa, aquelas actividades não deixaram, em parte, de influenciar directa ou indirectamente na referida evolução (figura 1). Após uma exportação média anual de 1 000 t no quadriénio de 1947/50, verificaram-se acréscimos mais acentuados a partir de 1955/58, atingindo-se 1 600 t em 1959/62, ultrapassando-se máximos dos anos 30 em 1963/66 com 2 200 t e alcançando-se 3 300 t em 1967/70 e 5 000 t em 1971/74 — 60 % de Arábica e 40 % de Robusta — quantidade que ultrapassou largamente a meta de 4 000 t que tinha sido fixada em 1966 para ser atingida em 1973, ano em que o valor do café, como já vinha sucedendo, atingiu cerca de 90 % do total da exportação de Timor (11).

O caso da orizicultura

Na cultura do arroz programou-se uma intervenção baseada em melhor técnica cultural, principalmente fertilização, e na introdução de material vegetal melhorado, neste caso visando-se, logo que possível, a distribuição de semente pelos agricultores.

Os conhecimentos já existentes sobre os solos e as deficiências prováveis de azoto e fósforo na nutrição mineral do arroz, verificadas quase sempre em 29 locais prospectados, permitiram realizar em 1971/73 experimentação positiva em qua-

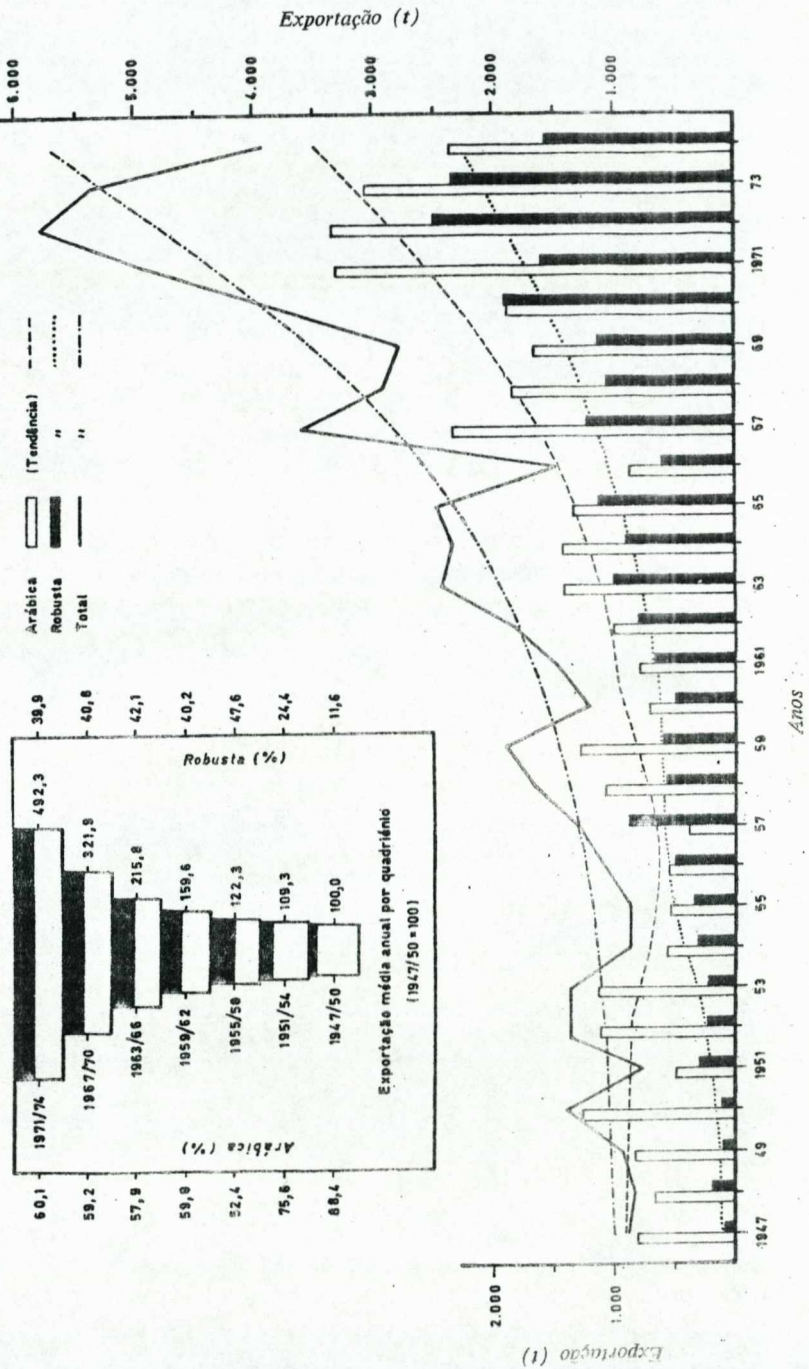


Fig. 1 — Exportações anuais de café Arábica, Robusta e total e evolução da exportação média anual por quadriénio, em 1947/74

tro dos principais vales orizícolas da costa Norte (10) e da qual apenas se salienta: na ausência de adubação a variedade IR8, introduzida das Filipinas, foi em geral a mais produtiva das 9 ensaiadas e, relativamente à melhor variedade local, Java, produziu mais 60 a 123 % de arroz em casca; com a aplicação de 90 kg de N e 105 kg de $P_2 O_5$ por hectare, verificou-se uma produção média, 2,1 a 5,9 vezes superior à obtida sem adubação; com a referida fertilização, o IR8 produziu 4,3 a 5,5 t/ha (quadro 1), traduzindo uma resposta média de 17 kg de arroz em casca por kg de $N + P_2 O_5$ aplicado; verificou-se também ser possível uma segunda cultura anual, embora com produção mais reduzida, e que era indiscutível o interesse económico da adubação.

A experimentação prosseguiu ainda em 1974, embora num só local mas incluindo novas variedades introduzidas, numa tentativa para maximizar a produção, a qual se verificou inteiramente válida; com efeito, o aumento da adubação para 160 kg de N e 140 kg de $P_2 O_5$ por hectare, traduziu-se no IR8 por um acréscimo de 2,2 t/ha de grão (quadro 1), atingindo-se 8 t/ha quando se conjugou aquela adubação com a redução para 20 × 20 cm do compasso antes utilizado (10).

Finalmente, não pode deixar de salientar-se que, num risco assumido, desde 1967 se procedia à distribuição de semente de IR8 aos agricultores de diversas regiões, após multiplicação da mesma pelos Serviços agrícolas do território; esta acção de fomento deve parcialmente ter sido responsável para que se passasse de uma média de 10 650 t de produção de arroz comercializada em 1965/66 para 18 630 t em 1970/71 (8).

Assim, também na cultura do arroz há que admitir que se estava no bom caminho, mas este foi abruptamente interrompido pela Administração do território que, ainda em 1974, num documento relativo à experimentação em curso, entendeu referir que «esta actividade era considerada como pura especulação científica e sem utilidade prática», afirmação que se criticou fundamentada e exaustivamente e que se julgou, apenas, de identificar com «uma absoluta ignorância ou uma estúpida mentira» (8). Mas tudo terminou,..... sem que tivesse sido necessária a invasão da Indonésia!

A acção dos técnicos agrários portugueses pode considerar-se reduzida. Embora Timor desperte paixões, como a de Ruy Cinatti, nunca terá constituído atracção para os mesmos e, talvez por isso, poucos passaram por aquela terra longínqua e esquecida; e mesmo estes, para além do difícil condicionalismo em que tentaram construir, encontraram por vezes dificuldades inconcebíveis, como a que acabámos de citar.

Ao terminar-se esta comunicação, história que seria sempre incompleta, apenas mais a palavra Amizade para o povo timorense, objectivo e companheiro de percurso do que se estudou e realizou.

QUADRO 1

Produção de arroz em casca da variedade IR8, em alguns tratamentos dos campos experimentais

Local e período	Fertilização (1) (kg/ha)		Produção de grão (2) (kg/ha)
	N	P_2O_5	
Lacló (1971-73)	0	0	2 201
	90	0	2 862
	0	105	2 364
	90	105	5 148
Laleia (1971-73)	0	0	1 876
	90	0	2 921
	0	105	2 825
	90	105	5 492
Laleia (1971-73) — Segunda cultura anual	0	0	1 392
	90	0	2 460
	0	105	2 534
	90	105	4 990
Laivai (1971-72)	0	0	2 576
	90	0	2 831
	0	105	2 992
	90	105	4 260
Seiçal (1972-73)	0	0	460
	90	0	1 402
	0	105	2 820
	90	105	4 958
Seiçal (1974)	90	105	5 617
	125	105	6 790
	160	105	6 173
	160	140	7 778

(1) Metade do azoto e a totalidade do fósforo foram aplicados quando da transplantação e a segunda metade do azoto aproximadamente na altura da iniciação dos primórdios da panícula.

(2) Obtida em talhões experimentais de 100 m^2 e com transplantação de 3 plantas por tufo a 25 cm × 25 cm.

BIBLIOGRAFIA

1 — CARDOSO, J. Gardé Alfaro — *Serviços agrícolas, florestais e de pecuária da Colónia de Timor.* «Boletim Geral das Colónias», Lisboa, 13 (143) 1937, p. 30-34.

2 — CARDOSO, J. Gardé Alfaro — *Timor sob o ponto de vista agrícola.* «Boletim Geral das Colónias», Lisboa, 13 (140) 1937, p. 31-51.

3 — CINATTI, Ruy — *Amor,* in *Timor-Amor.* Lisboa, Edição d'Autor, 1974, p. 14-16.

4 — CINATTI, Ruy — *Reconhecimento preliminar das formações florestais no Timor Português.* Lisboa, Junta de Investigações Coloniais, 1950, 80 p. (Estudos, Ensaios e Documentos, 5).

5 — *Contribuição para uma bibliografia sobre Timor.* Lisboa, Centro de Documentação Científica Ultramarina, 1973 (Bibliografia, B 222).

6 — GONÇALVES, M. Mayer — *Balanço dos estudos de fertilidade dos solos em Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe e Timor Oriental,* in *Tema 1 — Agricultura.* (1.as Jornadas de Engenharia dos Países de Língua Oficial Portuguesa, 9-13 de Abril, 1984). Lisboa, Ordem dos Engenheiros, 1984, 18 p. (Comunicação 27).

7 — GONÇALVES, M. Mayer — *Cartas ao cafeicultor. V — Preço de custo de uma planta de café.* «A Voz de Timor», Dili, 453, 1969, p. 3.

8 — GONÇALVES, M. Mayer — *Em defesa da experimentação orizícola realizada em Timor. Resposta a uma inconcebível atitude da Administração do território.* Lisboa, Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, 1976, 8 + 5 p. (Inf. Int. 163/7, Inf. Int. 28/76).

9 — GONÇALVES, M. Mayer — *Estudos e projectos realizados pela MEAU para Timor.* Lisboa, Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, 1975, 7 + 8 + 6 p.

10 — GONÇALVES, M. Mayer; CARDOSO, A. P. Silva — *Estudos sobre a fertilidade dos solos de Timor. V — Deficiências na nutrição mineral do arroz.* «Garcia de Orta — Série de Estudos Agronómicos», Lisboa, 6 (1-2) 1979, p. 1-10.

11 — GONÇALVES, M. Mayer *et al.* — *Estudos sobre o café de Timor.* Lisboa, Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, 1976, 94 p. (Comunicações, 86).

12 — GONÇALVES, M. Mayer — *Os recursos naturais agrícolas dos novos países de expressão oficial portuguesa — Síntese dos estudos em que participou a Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar,* in *Tema 1 — Agricultura.* (1.as Jornadas de Engenharia dos Países de Língua Oficial Portuguesa, Lisboa, 9-13 de Abril, 1984). Lisboa, Ordem dos Engenheiros, 1984, 18 p. (Comunicação 35).

13 — *Relatório anual da Brigada de Timor. 1964-1973.* Dili, Brigada de Timor da Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, 1965-1974.

14 — SHERLOCK, Kevin — *A bibliography of Timor.* Canberra, The Australian National University, 1980, 292 p. (Aids to Research Series, *A/4*).

15 — SILVA, H. Lains e — *Apresentação.* «Garcia de Orta», Lisboa, 8 (1) 1960, p. 165-174.

16 — SILVA, H. Lains e — *Cabo Verde — Guiné — S. Tomé e Príncipe — Macau — Timor. Programas de desenvolvimento agrícola. 1965-1975.* Lisboa, Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, 1964, 118 p. (Comunicações, 47).

17 — SILVA, H. Lains e — *Planeamento, organização e administração da Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar. Meditação no quinto aniversário da sua fundação: 1960-1965.* «Garcia de Orta», Lisboa 13 (1) 1965, p. 149-158.

18 — SILVA, H. Lains e — *Timor e a cultura do café.* Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1956, 196 p. (Memórias — Série de Agronomia Tropical, 1).

A ACÇÃO DOS TÉCNICOS AGRÁRIOS PORTUGUESES NA IMENSIDADE BRASILEIRA

VASCO LEÓNIDAS *

1 — RAZÃO DE UMA PRESENÇA

Devo confessar, à maneira de simples mas necessário intróito, que seguramente a minha intervenção neste Colóquio — levado a efeito por decisão afortunada da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, ao comemorar os seus 85 anos de tão relevantes tradições — irá fugir um pouco à linha geral que, possivelmente, lhe foi imprimida.

Na realidade — não obstante ser possuidor, pela graça de Deus, de uma vida profissional intensa e apaixonante — não sou um técnico com larga experiência de actividades agrárias em regiões tropicais.

O convite que recebi — e que muito me honrou — interpretei-o como estando ligado aos seis anos de grande vivência, ao serviço da economia brasileira, em sectores diversificados de planificação, administração e coordenação de estudos e projectos, que me permitiram apreciar, com evidente interesse e natural satisfação interior — e, mesmo, com orgulho perfeitamente compreensível — o conceito, as referências e o grande prestígio que técnicos agrários portugueses — aos mais diversos níveis e com suas diferentes formações académicas — disfrutavam naquela grande Nação irmã — milagre pluri-racial da magnífica gesta lusíada — símbolo maior do sonho do Infante e do génio de D. João II.

Acontece, ainda, que me encontrava no Brasil quando ali chegaram alguns milhares de técnicos idos, em circunstâncias delicadas, por vezes, mesmo, dolorosas, do nosso antigo Ultramar e tomei parte em acções de solidariedade visando a sua reinserção profissional em actividades onde demonstraram — e de que maneira — a sua capacidade de adaptação, o alto nível dos seus conhecimentos e o verdadeiro, o autêntico sentido prático de «saber fazer».

---

* Engenheiro Agrónomo, Consultor de Empresas no Brasil e em Portugal, anteriormente Presidente da Junta de Laticínios da Madeira, Presidente da Junta de Colonização Interna, Secre-